



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

NOTA SOBRE A ALEGRIA

Frédéric Pellion ¹

Sabia o que ela queria. Cumprimentos, comentários elogiosos sobre os galopes de há pouco, ouvi-lo dizer que fora tão etcétera, que jamais etcétera, tudo isso utilizando a irritante expressão “ter alegria”, mais nobre e menos técnica do que a outra palavra. ²

Albert COHEN

A pergunta de Lacan, dada como subtítulo de nosso próximo Encontro de Escola — “Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”³ — não é sem equívoco, e este não é sem consequências.

Primeiro, o equívoco. Solal, nesse imenso *Tratado da não-relação* que é *Bela do Senhor* — tratado contemporâneo, aliás, da fórmula de Lacan —, exaspera-se por isso, como acabamos de ler. Ele acredita eliminá-la, e dizer o fato [*le fait*], *lo fag* do occitano, com seu bestiário. Ariane, ela, não escolhe: “De prazer, procurou envesgar os olhos depois fez caretas medonhas para se deliciar com o contraste e

1. Doutor em medicina e em ciências humanas clínicas. Psiquiatra dos hospitais, médico hospitalar, centro hospitalar Sainte-Anne, 17, rua Broussais, 75674, Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, 254, rua San Jacques, 75005 Paris, estabelecimento público de saúde Erasme, 143, avenida Armand Guillebaud, 92161 Antony cedex; psicanalista, 14bis, boulevard Morland Paris, 01 42 84 32 13, fpellion@wanadoo.fr; diretor de pesquisas na Universidade de Paris Diderot (Centro de Pesquisas Psicanálise, Medicina e Sociedade); ensinante no Colégio clínico psicanalítico de Paris; membro (AME) da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

2. COHEN, Albert. *Bela do Senhor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 569.

³ LACAN, Jacques. Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 367.

se reencontrar bela, uma vez terminadas as macaquices”⁴. Porque, muitas vezes “cintilante de maldosa alegria”⁵ perante Deume, ela o sabe de saída, ela também, algo dessa impureza à qual Solal pretende iniciá-la.

Mesmo se Solal inverte o *assag*⁶ como prova do contrário, Cohen toma emprestado da literatura do amor cortês este tema da alegria do amor e da sua ambiguidade. Literatura da qual Lacan, no seu seminário sobre *A ética da psicanálise*, considera que ela teria, por assim dizer, inventado a sublimação.

A esse respeito, se a alegria é esse estado do qual é impossível decidir se celebra um recontro ou comemora uma perda, o gozo, que diferencia o objeto no lugar da Coisa das regras positivas do seu uso, herda essa ambiguidade.

Uma das consequências possíveis, então. Ela toca à questão dos discursos. Efetivamente, parece-me que se é necessário o discurso analítico, no seu vazio “determinante”⁷, para olhar nossa alegria no rosto, isto não é para dar lugar à esferofilia [*sphérofilie*] de esperar que a “ronda”⁸ dos discursos faça consistir um universo que não existe, mas somente para permitir ao analista pular mais livremente de um discurso ao outro.

Aliás, sua ação, pelo fato de ter despojado, ao final, toda representação de objetivo, pode ainda ser nomeada / trabalho/?

Tradução: Sandra Berta

⁴ Ibid., p. 494.

⁵ Ibid., p. 258.

⁶ NdT. *Assag* é um rito de amor cortês defendido pelos trovadores como o teste supremo de “verdadeiro amor”, exigido pela dama ao seu amante: os dois amantes dormiriam nus, sem se tocarem.

⁷ LACAN, Jacques (1959-1960) O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 162.

⁸ LACAN, Jacques. (1973) O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 253.